

ESTADO DE MINAS

Quinta-feira, 18 de novembro de 1993

SEGUNDA SEÇÃO

Dois momentos bem inspirados do Corpo

Grupo mostra, de hoje até domingo, suas últimas criações: "21" e "Nazareth"

José Luiz Pederneiras

WALTER SEBASTIÃO

Duas considerações sobre a cena contemporânea: de um lado, uma fantasia maliciosa, intimista, de desenho claríssimo, permeada de evocações e simpatia pela sabedoria popular; de outro, uma alegoria numérica, épica, que, com regularidades e dissonâncias, experimenta conexões de tempos e atitudes. A primeira é "Nazareth"; a segunda "21", duas coreografias de Rodrigo Pederneiras que estão reunidas nas apresentações que o Grupo Corpo faz de hoje até domingo, sempre às 21h, no Grande Teatro do Palácio das Artes.

Os dois trabalhos assinalam o que talvez seja o momento mais exuberante do Grupo Corpo, maduro e articulado na apresentação de uma visão de mundo. A polaridade entre erudito e popular, assim como tantas outras – o referencial e o específico da dança, o gesto clássico e sua reconstrução moderna, o jogo entre o coletivo e a individual – tão equilibradamente desenvolvidas ao longo de uma série de produções, gerou um espaço explosivo onde tudo convive movido apenas pela tensão dos elementos, desmontados e reconstruídos.

"Nazareth" tem ares de um desenho animado. Mais do que a espontaneidade, evoca a dinâmica e a teatralidade, respectivamente, do cinema mudo e das danças de salão. Com bom humor a coreografia apresenta o que a "tradição" finge que não vê: o virtuosismo sob a capa de "improvisação", o interesse sexual sob uma performance ingênua; a ambiguidade entre malandragem e sabedoria. O cená-

rio e figurino (Fernando Velloso e Freuza Zeichmeister), exibem com nitidez estas atmosferas dúbias, tão valorizada pelo olhar contemporâneo. A música é de José Miguel Wisnik.

Se "Nazareth" é microscópico,

"21" é macroscópico. A relação interpessoal, tão nítida no primeiro, é agora substituída pelo choque de modelos, de temporalidades, de espaços e estéticas díspares. O mote é a reversibilidade – explicitamente apresentada em uma das

cenas – das coisas. Coexistem no palco sugestões de fragmentação e unidade, contrapontos lunares e solares, observações prosaicas e poéticas. É, na verdade, como quase tudo que Rodrigo Pederneiras compõe, uma celebração do

humano, que teria nos gestos na dança a mais completa memória de dramas, alegrias e impasses. A música é de Marco Antônio Guimarães. Em ambas as montagens, Paulo Pederneiras ilumina, literalmente, a cena.



Com música de José Miguel Wisnik, "Nazareth" é uma bem sucedida incursão do Corpo e de Rodrigo Pederneiras ao universo brasileiro de Ernesto Nazareth